

Fundado em 1891

JORNAL DO BRASILO primeiro jornal 100%
digital do país

Terça-feira, 18 de outubro de 2016

Ciência e Tecnologia

Hoje às 17h37 - Atualizada hoje às 17h52

Humanização na Medicina é tema de Simpósio na Academia Nacional de Medicina

Jornal do Brasil

No último dia 13, a **Academia** Nacional de Medicina realizou, além de sua tradicional Sessão de quinta-feira, Simpósio abordando a Humanização na Medicina, organizado pelos Acadêmicos Mario Barreto Corrêa Lima e Ricardo Cruz. O Simpósio, que lotou o Anfiteatro Miguel Couto, contou com o recurso da interatividade, que conectou o público presente com as aulas apresentadas.

O Dr. Abram Eksterman, Honorário da ANM, apresentou “Humanidades na Prática Médica: A Ética na Educação Médica”, afirmando que é preciso compreender o ser humano como um sistema complexo, estendido em dimensões biológicas, culturais e psicológicas interdependentes. Humanizar a prática médica seria, portanto, estabelecer vínculos com a biografia do paciente e com as características que o definem e que constroem a relação terapêutica.



?Honorário Abram Eksterman, Acad. Mario Barrêto, Acad. AntonioNardi, Acad. Francisco Sampaio (Presidente ANM), Profa. Claudia Burlá, Prof. Sara Kislavov, Acad. José Camargo

Com relação à Ética dentro da relação clínica, destacou que esta é o código que torna possível a relação humana, no que chamou de “exercício de um homem frente a outro homem”. A Medicina do futuro seria, portanto, aquela que além de tratar do manejo da doença, trataria também do manejo do doente, fazendo uso terapêutico da relação médico- paciente, de maneira multidisciplinar e integrada ao currículo do Ensino Médico.

A aula do Dr. Luiz Roberto **Londres**, da Clínica São

Vicente (RJ), intitulada “A História da Medicina: Uma Reflexão Atual sobre o Ser Humano”, destacou os múltiplos processos pelos quais a prática médica passou. Segundo o médico, a supervalorização do conhecimento científico e tecnológico afastou o médico de seus pacientes, tornando-o um “escravo” da tecnologia. Ressaltou que a mercantilização da Medicina faz com que tanto as Escolas e Instituições

Médicas tenham fins prioritariamente lucrativos, “desumanizando” a Medicina.

Na conclusão de sua palestra, o Dr. Luiz Roberto Londres afirmou que o **caminho** para a “reconstrução” da Medicina começa no Ensino Médico, onde é preciso aprender que o paciente não é somente um corpo que precisa ser cuidado, mas há também uma pessoa. Ressaltou que é preciso repensar as “fórmulas prontas” e os protocolos, chamando atenção para a ausência do pensamento beneficente e social da Medicina, atrelado ao descaso dos governantes com a Saúde Pública.

Discorrendo sobre “A Voz do Paciente e a Bioética da Comunicação”, a Dra. Sara Kislánov destacou que comunicar é, além de transmitir, conectar. Segundo a psicóloga, nossa primeira voz é o choro, que pode ser entendido como a primeira confirmação de que sem o outro, não é possível sobreviver. Aplicada à Medicina, a Bioética da Comunicação busca o “falar” do paciente, não só por **meio** das palavras ditas, mas também por seus gestos e até mesmo no silêncio. Em seguida, exibiu trecho do filme “Fale com Ela”, do cineasta Pedro Almodóvar, que versa sobre os efeitos da comunicação com o paciente.

Ao final de sua apresentação, a Dra. Sara Kislánov ressaltou que, apesar de as tecnologias contemporâneas nos colocarem cada vez mais em comunicação, elas paradoxalmente nos distanciaram. A importância deste tipo de discussão na área médica também foi colocada em pauta, tendo em vista que ter a capacidade de ouvir o outro é também uma forma de praticar um “agir terapêutico”.

Na sequência, a Dra. Claudia Burlá apresentou palestra intitulada “Cuidados Paliativos: Ciência e Proteção ao Final da Vida”, apresentando a Resolução 1.931 do Conselho Federal de Medicina, que versa que, nas situações clínicas irreversíveis e terminais, o médico deverá propiciar aos pacientes os cuidados paliativos apropriados. Segundo a geriatra, cuidados paliativos são uma modalidade da Medicina que não é regida por protocolos, mas por princípios, ressaltando que cuidar é escutar a demanda da vida.

Após a leitura do Juramento do Paliativista, redigido pela Dra. Maria Goretti Sales Maciel, a Dra. Claudia Burlá encerrou sua apresentação destacando que os cuidados com pacientes com doenças terminais são uma questão de Saúde Pública, e que é preciso encarar os cuidados ao fim da vida como uma exigência da boa prática profissional, sendo considerado o “padrão ouro” da assistência.

O Acadêmico Ricardo Cruz abordou “Relação Médico-Paciente colocada em Xequê”. Sobre o psicanalista húngaro Balint, ressaltou que sua obra “O Médico, Seu Paciente e a Doença” examinou com profundidade a relação médico-paciente, destacando que a insuficiência na formação psicológica dos médicos foi sempre sofrida pelos pacientes. O Acadêmico destacou trecho de livro do Dr. Luiz Roberto Londres, que afirma que a relação médico-paciente é o cerne de toda a atividade médica, uma vez que possui profundo significado para todo o processo médico, seja diagnóstico, seja terapêutico.

A série de TV norte-americana “House” foi apresentada como a contramão das ideias apregoadas por Balint, uma vez que apresenta um médico introspectivo, agressivo e irônico, que tinha por princípio não estabelecer relação com seus pacientes. Segundo o Acadêmico, as características de House expressam a necessidade do médico de curar a si próprio; todavia, ressaltou que enquanto House é um médico fictício cuja personalidade estereotipada serve como um parâmetro do que “não fazer”, os conceitos apregoados por Balint são reais e seus grupos de discussão tornaram-se referência no meio acadêmico.

O Acadêmico José Camargo abordou “A Interface entre a Medicina e a Literatura”, salientando que uma formação humanística é de importância vital para uma boa relação médico-paciente. Afirmou que, apesar dos avanços técnicos e tecnológicos, é possível identificar um certo saudosismo por parte dos pacientes com os “médicos de antigamente” que, mais do que médicos, eram entendidos como amigos dos pacientes. Falando sobre o papel da palavra na prática médica, afirmou que sublimar sentimentos por meio das palavras é um dom daqueles que curam, logo, dedicar parte da formação do médico à arte das palavras (literatura) não é fato a ser ignorado.

Na conclusão de sua palestra, o Acadêmico fez uma homenagem a Mário Quintana, citando que uma de suas célebres frases “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”, destacando a tendência entre as Escolas Médicas de incluir disciplinas de Literatura em sua grade curricular.

Compartilhe: [Recomendar](#) [Compartilhar](#) 0 [G+](#) 0 [Share](#) [Tweet](#)